

Santos em *cena*: ensinar, comover e divertir

Maria Idalina Resina Rodrigues *

INTRODUÇÃO

O que vai dizer-se (e escrever-se) não é mais que um prestar de contas ainda insuficientemente articulado da primeira fase de uma pesquisa cheia de boas intenções.

A meta, por demais longínqua, será uma reparação; a reparação urgente por que espera o nosso teatro religioso quinhentista pós-vicentino.

Porque, se já nos habituámos todos a reverenciar Gil Vicente como um dos grandes, dos muito grandes da dramaturgia europeia sua contemporânea, a verdade é que ainda não chegou a hora de reabilitarmos com as devidas vénias os seus continuadores, menos talentosos, ninguém o nega, mais espartilhados pelas impertinências inquisitoriais, sobejas vezes se tem repetido, mas nem por isso merecedores dos preconceitos, dos descuidos ou até de sobrançeria com que deles nos afastamos.

Tem havido excepções, é claro ¹.

Mas se, por um lado, como é uso lembrar-se, elas confirmam a regra, por outro, os estudos levados a cabo têm-se compreensivelmente pautado pela atenção a um texto ou quando muito a um autor ², silenciando convergências ou desatendendo a especificidades significativas.

* Universidade Clássica de Lisboa.

¹ Está por fazer o inventário bibliográfico sobre este teatro. No entanto, há nomes que importa não esquecer como Teófilo Braga, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, A. J. da Costa Pimpão, I. S. Révah, Andrée Crabbé Rocha, Mário Martins, Luís Francisco Rebello, Giulia Lancianni, Cleonice Berardinelli.

² Baltasar Dias é talvez o autor mais estudado e Afonso Álvares o menos conhecido. Sobre o primeiro existe uma *Bibliografia* organizada por Osório Mateus, Faculdade de Letras, Funchal, 1984, e um estudo de A. Figueira Gomes, *Poesia e Dramaturgia Populares no Século*

O que se diz para o teatro religioso, pode dizer-se para o profano, evidentemente. Feito o balanço global, escasseiam as edições acessíveis, é reduzida e insegura a informação biográfica sobre quem e em que condições foram compostas as obras, repetitivo ou até desinteressante o que os manuais de Literatura nos contam.

Depois de Gil Vicente, se não o dilúvio, pelo menos o que pouco direito tem a ser salvo da enxurrada...

Injustiça, ou no mínimo, ingratidão.

A este teatro, importa conhecê-lo melhor, falar dele com empenhamento e representá-lo mais ³.

Para ser integrado numa série de estudos sobre *Espiritualidade e Corte*, vem naturalmente mais a jeito o teatro religioso; e neste caso felizmente não é a contra-gosto que a escolha se faz.

Preferir é humano e saudável e quem aqui se expressa prefere realmente a dramaturgia religiosa ⁴; não tanto pelo que à invenção respeita ⁵, mas no que toca à capacidade de arrumar situações, de tecer contrastes, de provocar a resposta do espectador que ora se comove, ora se indigna, ora aprende, ora se diverte.

Que, no entanto, este desabafo profissional nos não desvie do objectivo prioritário deste trabalho; vamos estudar conteúdos e, só na relação com eles, inventariar os procedimentos que os viabilizam; por enquanto, são descabidos juízos de valor.

E, mesmo assim, nem tudo quanto gostaríamos de comunicar poderá ser comunicado desta feita.

XVI — Baltazar Dias, ICALP, Lisboa, 1983. Além disso, o *Auto de Santo Aleixo* tem sido matéria de vários ensaios e artigos. No entanto, o *Itinerarium*, XXVII, n.ºs 110-111, Braga, 1981, publicou um artigo do P.º Mário Martins sobre «O *Auto de Santo António*, de Afonso Álvares». Quanto ao *Auto de Santa Bárbara* seria curioso encontrar os porquês da sua maior fidelidade às fontes.

³ Representaram-se alguns autos, por certo razoavelmente, até finais do século XIX, já que deles são abundantes as edições. Nos nossos tempos, o *Auto de Santo António* subiu à cena no Teatro Nacional D. Maria II, na temporada de 1983-1984. Pela mesma altura, ou seja por ocasião da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, também, de entre os chamados *vicentinos* se representaram Camões, Ribeiro Chiado, António Prestes e outros. Nos palcos estiveram ainda António Ferreira e Sá de Miranda. Mas a moda não parece ter pegado...

⁴ Repare-se que, privilegiando o teatro dos continuadores de Gil Vicente, excluímos automaticamente obras como *A Castro*, de António Ferreira, de excelente qualidade.

⁵ Apesar de muitas fontes serem conhecidas, a obra que de um modo geral mais influenciou os hagiógrafos foi a *Legenda Aurea* de Jacobo de Voragine. Dela existe uma tradução francesa moderna; Jacques de Voragine, *La Légende Dorée*, Garnier-Flammarion, Paris, 1967. A *Legenda* não contém relatos sobre Santa Bárbara, nem sobre Santo António. Voragine deve tê-la escrito antes de 1264, e, talvez por isso, ainda não conhecesse bem o prestígio do santo português.

Iremos avançando aos poucos, demarcando sectores temáticos onde não faltam os vazios a preencher e obedecendo às normas universitárias que desaconselham a ultrapassagem das trinta páginas dactilografadas (ou a paciência do auditor/leitor, o que vai dar ao mesmo).

De momento, circunscrever-nos-emos aos *autos* de vidas de santos, deixando para outra oportunidade, que não faltará, o tratamento de temas do Antigo Testamento ⁶, as representações do Natal, da Paixão e da Ressurreição ⁷, as alegorias do combate entre o Bem e o Mal e as celebrações de Nossa Senhora ⁸.

Graças a Deus, os portugueses de quinhentos eram muito apegados a alguns santos, pelo que era fácil sensibilizá-los para os seus passos amargurados, gozosos ou simplesmente exemplares, por este mundo dos homens.

E os artistas, os da imagem e os da palavra, sabiam isso ⁹.

Os dramaturgos, lembrados ou não da lição vicentina ¹⁰, puseram-nos em cena.

Legaram-nos várias peças, não sabemos bem quantas, mas com as nove mais divulgadas já poderemos constituir um *corpus* que vale a pena esmiuçar e entender, saborear e remeter sensatamente para o mapa das linhas cruzadas da espiritualidade da época ¹¹.

⁶ Por exemplo, o *Passo del Rei David com Berzabé*, de D. Francisco da Costa.

⁷ Há vários autos do mesmo D. Francisco da Costa, de Baltasar Dias, de Frei António da Estrela, de Frei António de Portalegre e de Francisco Vaz de Guimarães sobre esta temática da vida e morte de Cristo.

⁸ Lembremos o anónimo *Auto do Dia do Julzo* e o *Auto da Avé Maria* de António Prestes; sobre a *Conceição de Nossa Senhora* escreveu D. Francisco da Costa.

⁹ Seria interessante confrontar teatro e iconografia de um modo sistemático. A verdade é que todos sabemos como a arte sacra de quinhentos valorizava estes temas. É de muito interesse a consulta da obra monumental de Louis Réau, *Iconographie de l'Art Chrétien*, Académie des Beaux-Arts, Paris, 1947.

¹⁰ Dos que iremos estudar, D. Francisco da Costa é talvez o que mais dela se afasta; deveria conhecer bem o teatro espanhol e experimentou alguns dos seus caminhos. A própria designação de *passo* acusa esse conhecimento.

¹¹ Aqui se referenciam os autos que constituem o nosso corpus e as edições que utilizámos para as transcrições. Porque elas foram feitas em épocas a segundo critérios amplamente divergentes, torna-se difícil e ingrato enveredar por uma uniformização ortográfica. Por isso, e embora reconhecendo que podemos não ter seguido o caminho cientificamente mais correcto, não procedemos a qualquer alteração. Também nada adiantámos sobre o quadro biográfico dos autores, pelo que esta informação pode continuar a ser recolhida, por exemplo, no *Dicionário de Literatura*, dirigido por J. do Prado Coelho, 4.ª edição, Figueirinhas, Porto, 1989. Apenas queremos insistir em que Afonso Alvares e Baltasar Dias escreveram sobretudo na primeira metade do século XVI, enquanto José de Anchieta e D. Francisco da Costa escreveram os autos, de que nos ocupamos, na década de 1580. Um estudo mais ambicioso terá necessariamente de ter em conta este facto para interpretar com correcção algumas diferenças na

PROTAGONISTAS E SEUS FAMILIARES

Começemos então pelos protagonistas e pelo seu *modus vivendi* inicial.

Três são mulheres: Santa Catarina (séc. IV), Santa Bárbara (séc. IV?), Santa Úrsula (séc. IV); seis são homens: Santo Aleixo (séc. IV), Santo António (séc. XIII), S. Vicente (séc. IV), Santo Agostinho (séc. IV), S. Francisco (séc. XIII), Santiago (séc. I) ou um cativo ¹².

De quase todos sabemos que são de pouca idade, de boas famílias, cobiçada formosura ou fino trato social, gente de letras e de sabedoria.

Tomemos alguns exemplos.

De Catarina diz a mãe que ela é *sábia e avisada* (p. 107), que aprendeu *as sete artes liberais* (p. 113); Nossa Senhora reconhece-a como *rica, discreta e fermosa* (p. 122); o Imperador que a deseja, primeiro, para seu filho e depois para ele próprio, apresenta-a aos doutores como *uma menina* (p. 144) e dirige-se-lhe como *mui fermosa Caterina, a mais que no mundo vi* (p. 153).

estruturação dos textos, nas linhas estilísticas, na funcionalização da polimetria etc. Como terá de ter em conta, para estas obras de 80, que a de Anchieta foi composta para nativos do Brasil e as de D. Francisco para prisioneiros do pós-Alcácer-Quibir, alguns dos quais a viver com demasiado à vontade material no Norte de África. Os autos são os seguintes: de Baltasar Dias, *Auto de Santa Caterina* e *Auto de St.º Aleixo*; citaremos pela edição de *Autos, Romances e Trovas*, introdução, fixação de texto, notas e glossário por Alberto Figueira Gomes, I N / C M, Lisboa, 1985; de Afonso Álvares, *Auto de Santiago* citado pela edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Autos Portugueses de Gil Vicente y de la Escuela Vicentina*, Centro de Estudios Históricos, Madrid, 1922; *Auto de Santa Bárbara*, citado pela edição da Casa de Cruz Coutinho, Porto, 1871 (a única que encontramos disponível, de momento, embora haja outras mais autorizadas), *Auto do Bem-aventurado Senhor Santo António* (abreviaremos em *Auto de Santo António*) que será citado pela edição de Luís Francisco Rebello, *Teatro Português*, fascículo 11, edição do autor e distribuição do Círculo do Livro, Lisboa, *Auto do Bem-aventurado Senhor São Vicente* (*Auto de S. Vicente*, abreviando) que citaremos pela edição de I. S. Révah, em *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais*, Tome II, número 2, Institut Français au Portugal, Lisbonne, 1951; de José Anchieta, S. J., *Quando, no Espírito Santo, se recebeu uma Relíquia das Onze Mil Virgens*, a citar por *Poesias*, transcrição, tradução e notas de M. de L. de Paula Martins, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo, 1954; de D. Francisco da Costa, *[Auto] da Conversão de Santo Agostinho* (abreviado *Auto de Santo Agostinho*) e *Passo do Glorioso e Xeráfico São Francisco* (na nossa abreviatura *Passo de São Francisco*), ambos incluídos no *Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques*, introdução e notas de Domingos Maurício Gomes dos Santos, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1956.

¹² Santiago, foi como se sabe, um dos apóstolos de Cristo. Neste caso, no entanto, importa lembrar que o protagonista não é ele, mas o cativo por ele libertado. Milagres idênticos se contam, aliás, de outros santos e da Virgem. Ainda há pouco, a propósito da coroação de nossa Senhora da Cinta, em Huelva (1992), tivemos ocasião de observar um conjunto de frescos que relatam um milagre muito parecido feito pela Senhora. A *Legenda Aurea* refere uma libertação por Santiago, mas a sequência de factos é diferente. Também, a propósito do auto de Anchieta, se pode hesitar quanto à principal figura dramática. Santa Úrsula não é necessariamente a protagonista.

Bárbara é de *pouca idade* (p. 6), requestada por um duque, pela sua muita *fama* (p. 4), distinguida pelo Adiantado Marciano pela sua *lindeza* (p. 8) e assim descrita pelos pastores:

Ella es blanca y colorada,
Mas que clavelina hermosa,
No parece sino rosa,
Entre las rosas sacadas,
Por mas linda y graciosa (p. 7).

Os pais de António tinham *fazenda* e ambicionavam para o filho a *dignidade* de servidor *d'el-rei*; ele estava na *flor da mocidade* (p. 61) e não lhe faltavam graças nem virtudes; Aleixo foi solicitado para genro e sucessor do Imperador; Agostinho passava por *homem eminente, galante, cortesão e namorado* (p. 364), e por porta-voz dos fidalgos de Milão nas grandes solenidades; Francisco, apesar dos *poucos anos* (p. 399), era avisado, ainda que amador dos *banquetes e das danças* (p. 399), e nascido em casa que luzia como *corte / dos mais nobres da terra* (p. 400).

Juventude significava dependência, mesmo quando, ou até talvez mais, dos bem nascidos se tratava.

A não ser que valores muito altos se interpusessem e dos ajustes e desajustes entre as vontades dos mais velhos e dos mais novos nascesse a separação, o desentendimento, a inimizade.

Conhecemos os pais de António e de Aleixo mesmo antes de os conhecermos a eles, o pai de Bárbara e o de Francisco, a mãe de Catarina e a de Agostinho.

Se o progenitor de Francisco se revela desde o começo grosseiramente afeiçoado à riqueza adquirida e a embevecida mãe de António quer para o filho um adequado posto na corte, a verdade é que o posicionamento do primeiro se manterá inalterável, enquanto a segunda cederá sem ressentimento ao arrazoado convincente do marido; em nenhum dos casos chega a haver pendência porque o *jogral de Deus* (p. 400) renuncia de boa vontade à herança paterna e António sabe que pai e mãe se conformam sem mágoa com a sua entrada em S. Vicente de Fora.

O pai de Bárbara e a mãe de Catarina têm inicialmente planos afins para as respectivas filhas.

São como que a voz do bom senso, de quantos estão convictos de que importa agarrar com ambas as mãos um casamento que acrescente aos teres e haveres o prestígio da escalada social; são ainda e sempre os continuadores de uma tradição que distingue entre quem decide e quem tem de obedecer, quem manda casar e quem recebe ordens para casar.

Ouçamos a mãe, já agastada:

Padre, escuzado é falar
com pessoa ignorante
que tanto monta pregar
como querer abrandar
com cera o diamante.
Se pois ela é tão constante
eu farei a crueldade
quebrar sua castidade,
e que vá sempre adiante
o que tenho na vontade (p. 120).

Ouçamos o pai, e julguemos do seu conceito de honra:

Quero que sejaes casada
Com o Duque Theodoro.
Elle vos manda pedir,
E eu vos tenho promettida,
Vós haveis de consentir,
Que antes perderei a vida,
Que deixar de se cumprir,
E por esta causa vem,
Peço-vos que consintaes,
Pois convém a vós e a mim,
Porque ainda que não queiraes,
Assim ha de ser em mim (p. 6).

Felizmente para elas, Catarina e Bárbara não são jovens para ceder à força dos argumentos nem aos argumentos da força.

Os pretendentes bem podem mudar de ideias e ir em busca de outras esposas ¹³.

Quanto à mãe de Catarina, não chegamos a saber do que seria capaz para dobrar a vontade da filha, porque a morte a leva mais depressa do que podíamos pensar.

O pai de Bárbara, porém, violento e cruel, só a não mata de imediato porque prefere entregá-la a algozes profissionais.

Condicionando com desesperada arrogância todo o processo que conduzirá à sua degolação, ele funciona como um emissário do Mal que, no remate da peça, uma trovoada destrói para castigo do crime e aprendizado de quem a ele assistiu.

¹³ Como iremos vendo ao longo deste trabalho, há grandes semelhanças entre as duas santas. O que não é de estranhar, porque do Antigo ao Novo Testamento e deste às *histórias* de santos passaram situações paradigmáticas.

No que toca a ascendência, mais sorte teve Santo Aleixo porque, embora contrariando com a sua fuga o natural desejo paterno de ver continuar-se a família, sempre nos corações dos pais teve amor e acolhimento.

Aliás, se mais não o protegeram, foi porque ambos ignoravam que era ele o pobre a quem davam guarida.

O melhor pertenceu, porém, a Agostinho.

Nasceu de uma mãe que sempre rezou pela sua conversão e a quem deu a alegria de tornar-se cristão.

De outros familiares quase não rezam as histórias; a não ser, e isto pode não acontecer por acaso, de Sabina, mulher de Aleixo, e de Maurício, filho de Maxêncio, o noivo proposto a Catarina.

Eram jovens também eles e compreenderam, ou pelo menos tiveram a generosidade de respeitar, as opções dos que lhes destinavam para companheiros.

Sabina cobriu-se de luto pela perda do marido, verteu lágrimas por si e por ele, mas nunca o censurou por não ter com ela coabitado.

Alheado dos projectos paternos, Maurício não deu mostras de copiar a índole vingativa do Imperador.

Nada reclamou de Catarina e não o imaginamos a perseguir e a torturar inocentes. Pelo menos nada nos é dito sobre isso, o que nos permite pensar tranquilamente que terão acabado por gorar-se os empreendimentos que ele deveria herdar.

OS PORQUÊS DA DISCÓRDIA

Teremos então de nos afazer à ideia de que a pedra de arranque destes autos está afinal numa espécie de conflito geracional, numa ruptura entre os instalados e os que querem tomar nas mãos a própria vida, no confronto entre o autoritarismo da experiência e a coragem de escolher a novidade?

Sim e não.

Porque esse desacordo actuante e activo nos serve perfeitamente do ponto de vista da funcionalidade dramática, mas necessita de ser completado com o exame do quadro opcional que o incentiva.

É que por norma (e há evidentemente os que estão fora dela) nestes textos os jovens estão do lado do Cristianismo, dos seus dogmas e do seu programa de vida, e os outros, os já vividos, estão peados pelo culto dos deuses e por uma escala de valores que ele justifica e promove.

Das duas figuras tratadas por Baltasar Dias, uma delas, Aleixo, está já por certo na Igreja Católica, quando com ele entramos em contacto; a outra, Catarina, tem para a nova fé uma predisposição inegável, mas as suas convicções vão-se apurando durante a primeira parte da obra.

É importante, antes de mais, a conversa com o ermitão. Ele explica, e explica com tanto ardor, o mistério da Salvação que ela se entusiasma e quer conhecer mais a fundo os que o protagonizaram:

Rogo-vos, Padre e Senhor,
que vós me queirais dizer
se é cousa que pode ser
ver eu este Redemptor,
que por nós quis padecer?
A verdade, Senhor Padre,
não me queirais esconder,
que tanto o desejo ver,
e a Senhora sua Madre,
quanto se não pode crer (p. 118).

Vem depois o recolhimento com a *imagem sagrada da Madre de Deos* (p. 119); se pensarmos que Catarina, antes do diálogo com o ermitão, pouco sabia da sagrada família, estranharemos a facilidade e a exactidão dos seus vocativos; temos, porém, duas hipóteses explicativas: ficção é sempre ficção para os duvidosos; e a donzela de Alexandria era uma eleita, pensarão os crentes.

Seguem-se as tentativas para a união com Cristo; difíceis porque ele é exigente e não cede com facilidade aos rogos de Nossa Senhora; quer uma esposa mais limpa, sem mancha do pecado primeiro.

Cantando o *Laudate Dominum omnes gentes*, o ermitão procederá então ao baptismo de Catarina; tomado o sacramento, já ela é *dos santos irmã* (p. 127), *tirada do perdimento* (p. 127).

O passo seguinte, já o sabemos da história e da iconografia: é o casamento místico a que preside a Virgem Maria:

Toma este anel de Fé
e selo do Espírito Santo,
porque justa causa é
que por esposo to dê,
pois o mereceste tanto.
Já te não farão espanto
os tormentos dos mortais,
nem os vícios dos mundanos
te darão nenhum quebranto
agora desde hoje mais (pp. 131-132).

Catarina separou-se definitivamente dos seus; será uma mulher nova.

Diferentemente, a heroína de Afonso Álvares entra em cena já tocada pelo Espírito, crente de que um só Deus criou o *Céu e o mundo* (p. 2) e de que é *cego e sem sizo* (p. 3) o povo que o não louva.

Falta-lhe ainda, porém, a cerimônia baptismal; com a força da sua oração, consegue que uma fonte de água pura irrompa do solo, que ela seja abençoada pelo poder divino e nela mergulha, ao som laudatório de um *motete* (p. 3).

Entre ela e o pai quebraram-se os últimos laços: a ousadia vai custar-lhe a vida.

Teremos ainda mais tarde (no tempo histórico e no da dramaturgia) a alusão ao baptismo de Agostinho; com palavras inspiradas, depois de definitivamente convencido da ignorância da sua anterior ciência, proclama-se cristão, corta os elos com o racionalismo inútil e abraça um novo programa:

E, depois de bautizados,
ymosemos ao deserto,
por estar mais apartados
do Mundo e de seus cuidados,
e de Deus muito mais perto.
Onde, com a penitência
do jejum e oração
e toda mortificação,
prouoquemos e clemência
pera nossa remissão (p. 379).

Que dizer do diácono Vicente, do prisioneiro em país muçulmano, do moço de coro da Sé que virá a ser Santo António, de Santa Úrsula que teve morte cruel com as suas onze mil virgens?

Que eram cristãos, baptizados, fiéis servidores do Deus único e que por isso contra eles estavam os adoradores de ídolos, os escravos do poder temporal, os afeiçoados ao dinheiro, os submissos à ordem estabelecida.

Ensaïemos então agora a caracterização dos seus pólos de referências doutrínarias e espirituais.

Ou melhor, pela impossibilidade de tudo abarcar, enumeremos umas quantas e detenhamo-nos em duas ou três das que mais energicamente nos pressionam.

Todos estes escolhidos conhecem a fundo o sistema da Salvação e da Redenção dos homens por Cristo; não se mostram particularmente versados no Antigo Testamento ¹⁴, mas dos Evangelhos e dos ensinamentos da Igreja Católica sabem mais que o suficiente para anular qualquer oponente.

Maria, a sua virgindade e a sua imaculada Conceição são temas incessantes de encómio e debate; à Virgem se recorre com fé, da Virgem se

¹⁴ Essa sabedoria tinham-na os protagonistas dos autos de Lucas Fernández; os de Juan del Encina eram-lhe pouco afeiçoados; os de Gil Vicente ficavam-se no meio termo.

fala com amor, sobre a Virgem se acumulam explicações e provas de uma intercessão que não falha.

Na prece encontram todos o refúgio para as tormentas e a força para o embate com os pecadores.

Não é por acaso que a encimar muitas das sua falas, as didascálias se resumem à palavra *oração*.

Ora-se quando se tem um desejo intenso, quando se procura resolver uma hesitação, quando o perigo se aproxima, quando a morte não tarda.

Ora-se a Deus, a Cristo, à Virgem, ao Espírito Santo.

E aqui tocamos num dos traços doutrinários essenciais destas obras: a credibilidade do mistério da Santíssima Trindade.

Ao ter começo o *Auto de Santa Bárbara*, um grupo de pedreiros está construindo uma torre para seu recreio (ou prisão), a mandado do pai.

Bárbara verifica que ela tem apenas duas janelas e ordena sem hesitação que a terceira seja aberta.

Não entende o pai a razão de ser da mudança, mas entendemo-la nós porque são três as pessoas da Trindade.

Mais tarde, já nas mãos do Adiantado Marciano, não se cansará de recorrer a analogias para lhe facilitar o acesso à aparentemente incompreensível unidade divina na multiplicidade das pessoas.

Dá-lhe exemplos muito precisos e palpáveis: a luz (com cera, lume e pavio), o sol (com raios, resplendor e calor), as potências (vontade, memória e entendimento).

Fala sem receio e com segurança:

Como és cego, Marciano,
Do sizo e do entender;
Pois crês que não póde ser
Teu engano desengano,
Para se contradizer,
Pois sabes, que a que alumeia,
Tem cera, lume e pavio,
Tres cousas em um poderio,
E não é mais que candeia
De cera, lume e pavio.
Tu tens certo, e por verdade
Tres cousas, segundo sento,
A memoria e a vontade
E também o entendimento,
E é uma qualidade.
Assim é a Sancta Trindade,
Tres Pessoas, e Deus um,
Olha como é commum,

No que tua cegueira
Parecia ser nenhum.
E outra comparação
Te darei menos escura,
Não sabes que tem o Sol
Raios, e mais resplendor,
E também lança quentura?
Pois dize de que procedeu
Não ser mais quente que Sol somente?
Assim Deus Omnipotente,
Quaes cousas todas creou,
São tres, sem ter diferença (p. 9).

Também Catarina, para melhor se fazer acreditar pelos sábios de má fé, justifica a Trindade com duas abonações muito simples e perspicazes.

Ao criar o homem, Deus usou do plural *façamos* (p. 147), no acto de lhe dar forma à sua imagem e semelhança; se não fosse trino, *diria farei*, porque assim se expressa quem individualmente trabalha (p. 147).

A esta explicação (*sui generis*, convenhamos) das palavras do livro da lei (p. 147), reforça-a o sentido dado a um gesto assaz comezinho: três pregas numa saia e a constatação da inteireza do tecido; nada complicado e ao alcance de todos:

Apalpa aqui com a mão
porque vejas teu engano,
vês três pregas, aqui estão,
pois tudo isto é um pano
como mostra por razão (p. 147).

Nesta altura, aliás, já a esperta moça estava bem industriada pelo ermitão que, logo no primeiro encontro, numa síntese encomiástica das virtudes de Cristo, a pusera ao corrente da existência de *três pessoas um só Deus* (p. 116).

A segurança na Trindade, com repercussão até nas palavras do simplório que traz a Catarina a notícia do falecimento da mãe (p. 133), fora em seguida fortalecida pela voz do anjo que lhe predizia o sucesso a médio prazo:

Por ti se converterão,
à Fé da Santa Trindade (p. 143).

O que realmente acontece, pois mesmo Porfírio, o criado da Imperatriz, se dispõe a *tomar / a Fé de Santa Trindade* (p. 157), antes de ser baptizado.

No *Auto de Santo Aleixo*, por seu turno, muitas são as personagens que avaliam como correntemente aduzida a realidade trinitária.

No casamento dos prometidos, o Papa lança a benção nupcial, não só em nome do *Eterno Padre, como também da Santa Trindade e da Virgem Filha e Madre* (p. 185), Eufemiano despende-se do Imperador com o voto de que com ele *fique a Trindade* (p. 204), o anjo, depois de desmentir as calúnias do diabo, volta contente consigo para os *altos Ceos*, onde estão *três pessoas e um só Deus* (p. 211), e Aleixo, quando, como miserável peregrino, visita os santos lugares, compraz-se em agradecer-lhe a viagem viabilizada:

Muitas graças sejam dadas
à Santíssima Trindade,
Três pessoas são chamadas
em um só Deos ajuntadas,
como eu creio por verdade (p. 212).

A mãe de Santo António resigna-se à entrada de seu filho para os cônegos de S. Vicente porque percebe que ele vai crescer *na fé da Santa Trindade* (p. 61); *na fé da Santa Trindade* devem, segundo o conselho do santo, viver com paz e amor os que o sacramento do matrimónio uniu (p. 67); um dos desgostos do menino ressuscitado é perder de vista *aquela face da Santa Trindade* (p. 67).

Antes mesmo que tenha início a representação sobre a vida de S. Vicente, já a cidade de Lisboa louva a *Santa Trindade* (p. 224); depois, o diácono tenta transmitir aos gentios a clemência da *Sancta Trindade* (p. 239); o anjo incrimina-os como *quebrantadores da Fee / da sanctíssima Trindade* (p. 242) e o diabo confessa-se enfadado sempre que lhe tocam nos *mystérios da Trindade* (p. 243).

Enquanto caminha para Guadalupe, o cristão libertado por Santiago vai soltando agradecimentos e loas ao *Rey divino*, à *sua sancta madre* e à *Sancta Trindade* (s. p.).

Mais tarde, e em concerto com a Obediência e com a Castidade, a Pobreza, lisonjeada com o desprendimento de S. Francisco, garante-lhe ter ele feito a troca certa, a troca da riqueza sem valia pelo *thezouro* no *Ser Trino* (p. 411).

Rendidos, e com o objectivo de fazer render os seus espectadores/leitores, a exigências dogmáticas, estes dramaturgos mostram-se ainda zelosos, diríamos até mais zelosos, no aconselhamento de certas práticas de bem-viver que também com a doutrina têm relação.

Juntam-se assim aos espirituais que, com *cartas, guias* ou *catecismos*, prolongavam antigas correntes medievais propulsoras de opções de vida em que a virgindade e a pobreza ocupavam o primeiro plano.

Para ajustadamente dimensionarmos a implantação do respeito pela virgindade, bastar-no-ia sumariar a acção dos autos de Santa Catarina, de Santa Bárbara e de Santo Aleixo.

Como com ela nos vamos parcelarmente entretendo ao longo deste artigo, fixemo-nos por enquanto em algumas traves mestras que os comportamentos inequivocamente pontuam.

Nem Catarina, nem Aleixo, nem Bárbara têm razões de queixa dos noivos que lhes são propostos.

Quem sabe até, se, longe das suas inclinações íntimas, teriam mesmo feito finca pé na rejeição das benesses oferecidas, acostumados como estavam a que as coisas assim se passassem, sem que os interessados fossem tidos nem havidos no negócio do enlace conjugal.

Aleixo prontifica-se ao casamento logo que o pai o põe a par do seu contrato com o Imperador, participa no ritual conduzido pelo Sumo Pontífice, dando a Sabina a sua mão, *como manda a Santa Igreja* (p. 185), e leva-a carinhosamente para a câmara nupcial.

Só então ficamos a par (tanto nós como a esposa) do seu pendor para a castidade e da veneração que lhe merecem os que a ela se consagraram:

Muito bem é verdade
o que bem cazado é,
mas melhor é castidade,
que Deos ama virgindade,
como muy claro se vê.
Deos quiz de Virge escolher
e nela quiz encarnar,
e de Virgindade quiz nascer
para todos nos salvar,
e a santa glória alcançar,
A Virgem Santa Luzia
olhai como a colocaram.
Santa Cecília e Eria
e também Santa Eufemia
porque Virgens acabaram.
Como foram colocadas,
Bárbara e Caterina,
que foram martirizadas
e Virgens glorificadas
naquela glória divina.
Quantas senhoras famosas,
por guardarem virgindade,
são santas muy gloriosas
e são chamadas esposas
da Santíssima Trindade.
Vistes nunca em vossos dias

em outras festas todas
de senhores de valia
fazer-se tais gritarias
como foi em nossas bodas? (pp. 186-187).

Sabina compreende onde o esposo quer chegar e acomoda-se.

Ele partirá para Jerusalém e ela esperá-lo-á, na posse do anel que congraça os seus destinos mas não é sinal de união dos seus corpos.

Bárbara e Catarina negam-se com firmeza às ambições matrimoniais que pai e mãe para elas têm.

A primeira, mais fortalecida na fé, explica-se claramente:

Padre, não quero casar,
O que não se ha de encobrir,
Não cureis de vos cançar,
Que não hei de consentir,
E assim me podeis matar;
Porque eu sou já casada,
E tenho um tam lindo Esposo,
Mais que as estrelas formoso (p. 6).

Trata-se de Jesus Cristo, já todos percebemos.

A fidelidade será mantida, custe o que custar. E custa muito, mesmo de olhos postos na Virgem Maria.

Catarina é inicialmente menos directa; talvez porque o desposório místico ainda tarda.

Confessa à mãe que é sua *vontade viver em castidade* (p. 108), que é *melhor ser solteira / mil vezes que ser cazada* (p. 109), que quer um esposo *igual em saber e em beldade* (p. 111).

Só em seguida o ermitão lhe mostra que em Cristo está tudo quanto ela deseja e muito mais.

Com ele conversará, mostrando-se já apaixonada, mas, só após o baptismo, o sonho de ser sua esposa se tornará realidade.

E a força para a luta e para o martírio não lhe faltará.

Virgem foi Santa Úrsula, e virgens as onze mil que com ela padeceram tormento. Por isso, a sua chegada a Vitória, conta-nos o Padre Anchieta, foi tão temida pelo diabo e tão ansiosamente esperada pela vila e pelos seus padroeiros:

Úrsula, grande princesa,
do sumo Deus bem amada,
boa seja a vossa entrada,
grande pastora e cabeça
de tão formosa manada (p. 40).

Não menosprezemos também o que adivinhamos ter sido a pureza de S. Vicente ou de Santo António, embora a ela se não refiram explicitamente os autos de que são protagonistas.

Mas o que realmente não podemos secundarizar é o papel da Castidade entre as virtudes que alegoricamente celebraram o acto despojador de S. Francisco.

Balizando com altivez o seu percurso ziguezagueante ao longo dos tempos, por certo em figura de mulher formosa, ela desafia-o para companheiro no combate que de há muito vem travando:

Co teu exemplo casto e espantoso
serei e tudo será restetuído,
Farás, Francisco, exercitos de castos;
leuarás os sensuaes todos a rastos (p. 414).

A resposta só poderá evidentemente ser pronta e afirmativa.

Francisco é e será casto, como é e será pobre.

Por isso, a partir do *Passo*, que o coloca no centro das nossas atenções, nos acercaremos do chamamento à pobreza que estes autos veiculam.

Na fala de abertura da obra, é o Representador quem recebe o encargo de revisitar a fisionomia espiritual do Santo de Assis: ele é *exemplo do que a graça / fez nos mortais* (p. 398), espelho de *estranha/penitência e humildade* (p. 398), *xerafim assinalado/nas mãos, nos peis e no lado* (p. 398) e sobretudo *Quem de sy fez respondência / de ynnarrauel pobreza* (p. 398).

Entra de seguida Pero Bernardes, pai de Francisco, desconsolado por tanto ter esperado do filho e tão pouco dele ter recolhido.

Nas *festas escolhido* (p. 399), cliente assíduo *dos banquetes e das danças* (p. 399), *yntelligente, pontual e muy eloquente* (p. 400), dera para andar *roto na praça* (p. 400) e *despido como jogral* (p. 400).

Receoso de que a sua vultuosa fortuna venha a cair na algibeira dos *patifes* (p. 401) que com ele convivem, Bernardes vive obcecado pela urgência de levar Francisco a renunciar à herança em favor dos irmãos.

O que consegue sem dificuldade, pois o mandado que o jovem recebe é totalmente conforme o seu *yntento* (p. 401).

Perante o bispo, imponentemente sentado *numa cadeira d'estado* (p. 402), o santo vai então lentamente desnudando-se até ficar só com *hum pano nas partes yncubertas* (p. 403).

Ao pai confia, com tranquila decisão:

Em uossas mãos, pay terreno,
renuncio todo o poo,
que há na terra e todo o feno,
e nas mãos do Sempiterno
todo nu me entrego a sso (p. 403).

O prelado abraça-o e cobre-o com o seu manto, confessando-se maravilhado por tão *raro exemplo cristão* (p. 404).

O manto episcopal será imediatamente substituído por um *chiote* ou saio de burel (p. 406) que um criado, ainda que contrafeito e com insuficiente siso para tão complicadas manobras, empresta a troco de choruda recompensa.

E, ainda assim, Francisco o corta pelas *ylhargas* (p. 409), julgando-o demasiado bom para o que a sua carne merece.

Sensibiliza-se o bispo e entram as virtudes, cantando uma cantiga de mote e volta. Depois, cada uma por sua vez, farão a seu modo o elogio do gestual que tão gostosamente partilharam.

Mais toadas, desta feita com todos envolvidos, e cinco sonetos de aplauso dão fim à representação.

Se Santo António troca a regra de S. Vicente pela de S. Francisco, pela sua maior austeridade, e se Catarina e Bárbara desprezam os ricos vestidos, o conforto dos palácios e a comunidade das servidoras, é, porém, em Aleixo que vamos encontrar o outro grande paradigma do triunfo da pobreza sobre a opulência.

Ao partir para Jerusalém, a sua primeira preocupação é mudar de roupa.

Ao mendigo, que por misericórdia lhe implora esmola, oferece desde logo o seu *vestido* (p. 189),

contando que vós me deis
esse mesmo que trazeis (p. 189).

Esfarrapado, *pedindo com outros pobres* (p. 197), *chorando com contrição* (p. 197), lá caminha para os santos lugares, de onde regressa, não para retomar o seu posto de grande senhor, mas para viver a pão e água na escada do seu palácio; com esta *fatura* se há-de *suster* (p. 215), confortado com a certeza de que *Deos não nasceu / senão em cama de fenos* (p. 216) e exaltando o nome do Senhor, quando lhe deitam *cisco* para cima (p. 218).

* * *

Muitas as diferenças entre os santos, naturalmente.

O leque abre-se nos pormenores das histórias, os autores têm as suas perspectivas, as épocas as suas exigências.

Mas já vimos que há traços comuns, pelo menos, constituindo séries ou isolando feixes temáticos.

Isto quanto aos protagonistas, aos conflitos, à moldura espiritual.

Tudo se pode, porém, complementar focalizando obstáculos, tormentos, ajudas que o acaso traz ou o Senhor envia, encaixes divertidos (mais para o público que para os santos, está bem de ver), cantares.

Porque neste teatro nem tudo é sério, apesar de ser a sério a lição que ele quer fazer passar.

O QUE MAIS CUSTA

Viremo-nos então para a flagelação de alguns protagonistas quase sempre demoradamente esmiuçada para que a vaga crescente de piedade e de indignação não entrave a nitidez do espelho em que nos cumpre rever.

Esperamos o seu *martírio* desde o título de pelo menos dois autos, o de Santa Catarina e o de S. Vicente, embora também Santa Bárbara desde muito cedo para ele nos pareça vocacionada.

Fiquemo-nos com estes três textos e com o exame dos tormentos corporais a que os tiranos daqueles tempos submetiam os que lhes resistiam.

Não que os espirituais tenham faltado.

Porque perseguido na alma foi Santo Aleixo que o diabo não poupou às ruínas e falsas novas do adultério de Sabina.

Penar, penou ainda Santo Agostinho, dividido entre a confiança na sabedoria humana e a suspeita de outras formas de entender que lhe faltavam.

E S. Francisco, apesar de iluminado e sem apego a quanto de Deus não vinha, não teria deixado de sofrer com a ganância do pai e com a sua por demais extremada pobreza.

Quanto ao cativo do *Auto de Santiago*, punhamo-lo também por enquanto de lado, porque esse foi prontamente aliviado e teve saúde suficiente para ir ajoelhar à ermida de Guadalupe ¹⁵.

A carga foi bem mais pesada para Santa Catarina, para Santa Bárbara e para S. Vicente.

Atenhamo-nos à protagonista de Baltasar Dias.

Desde o primeiro encontro com o Imperador que a ameaça paira sobre a sua rebeldia:

Com tormentos ou temores
eu lhe farei confessar,
que meus deuses são melhores
.....
Não a veja mais estar
diante de mim assim,
tirem logo daí
porque é tanto o meu pezar
que não sei parte de mim (pp. 111-112).

¹⁵ A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe (aquela que esmagou a serpente) é sobretudo activa, em Espanha, na província de Cáceres. No México existe um famoso santuário à Senhora que se diz ter aparecido, em 1531, a um jovem índio. Há, porém, controvérsia sobre se se tratará ou não da mesma figura. Em Portugal, é venerada em alguns locais, por exemplo, da diocese de Aveiro.

Perante o enfado do seu senhor, o alcaide leva Catarina para uma prisão (p. 142) de onde apenas a retira para que ela compareça à disputa com os doutores ¹⁶, preconceituosamente anunciada como *maga encantadora* ou como *maga sandia* (p. 145).

Vencidos e convencidos os sábios, cresce a ira de Maxêncio.

Eles irão a *martirizar* (p. 153) e ela será *bem açoutada / com duas varas de ferro* (p. 154).

Quando regressa junto do déspota, a jovem está *cheia de chagas* (p. 158) e o alcaide triunfante por tão fielmente ter executado as ordens recebidas:

Ei-la aqui: vem açoutada,
como Senhor desejais,
de sangue toda banhada,
que não poderia ser mais (p. 158).

O diálogo está condenado ao insucesso e mais um castigo se perfila, desta vez para exemplo de *outras sandias* (p. 160): Catarina ficará no cárcere treze dias sem comer, e, depois de morta de fome, será queimada *pois nos deoses não quiz crer* (p. 160).

Quando, porém, todos a julgavam desfeita, estava ela *garrida e sã* (p. 165) por obra da intervenção de um anjo amigo.

Fora de si, Maxêncio já não sabe que tormentos inventar; sabe no entanto que não quer deixá-la morrer sem antes a fazer *despedaçar* (p. 166).

É então que o alcaide propõe:

Um tormento lhe darei
com que ela seja espantada,
que de força forçada,
ou se torne à nossa lei
ou morra despedaçada.
Tragam logo sem tardada,
quatro rodas de navalhas
e nelas seja lançada,
senão por feita migalhas,
que digam que não sei nada (pp. 166-167).

As rodas vêm mesmo até à boca de cena, mas aí são quebradas por desígnio de quem mais pode que um soberano da Terra, mesmo que dono do império romano.

¹⁶ De notar o parentesco entre esta disputa e a do Menino Jesus, no Templo, com os Doutores da Lei.

Não há mesmo alternativa:

Alcaide, sem mais tardar,
pois tendes minha sentença,
ide-a logo degolar (p. 172).

A determinação vai até ao fim: Cristo, que anda por perto, dá coragem a Catarina e conforta-a:

Eu prometo defender
a quem de ti se lembrar,
e também de lhe outorgar
quanto com razão quizer (p. 174).

O milagre, que então se produz, já daqui a pouco o tornaremos público. Santa Bárbara segue de muito perto as agramas pisadas de Santa Catarina, ou vice-versa, se assim o preferimos, porque talvez tenha vivido antes dela.

Só que, para maior amargura sua e revolta nossa, o seu principal carrasco é o próprio pai.

A primeira razão por que a não mata com a *espada* (p. 6), ao saber do seu baptismo cristão, é a impotência: Bárbara foge e interna-se no mato onde estão os pastores.

Depois terá motivos mais requintados.

Ao encontrá-la, e sempre com a *espada nua* (p. 7), arrasta-a pelos cabelos até ao Adiantado (p. 7), insistindo em que:

Eu te farei padecer
Mais tormentos e paixão
Que nunca passou mulher,
E quando tal se oferecer
T'a darei por minha mão (p. 7).

Depois de a ouvir, Marciano, apesar de tudo menos *carniceiro* (p. 8) que Dióscoro, decide mandar açoitar a *encantadora, de maneira que lhe vejam as entranhas* (p. 9); julga assim convencê-la a abandonar o Cristianismo e evitar a degolação.

Como Catarina, Bárbara persiste; não tem doutores, mas o próprio Adiantado percebe de deuses e de doutrinas e travam-se de razões, ficando cada qual na sua, como já esperávamos.

Pior para a donzela, pois a ordem é para *aspar*, cortar *tetas*, deixar as *carnes pretas* e levá-la *nua* pela cidade (p. 11).

Chagada e sem tetas se apresentará ao leitor/espectador (p. 11); em breve, porém, lhe chegará às mãos a veste que impede a desonra da nudez e o remédio que cicatriza as feridas.

Pasma o alcaide:

Sabe, senhor Marciano
Que esta moça é encantada,
ou dos deuses é guardada (p. 12)

.....

Que estando mui bem aspada,
As tetas ambas cortadas
As carnes atormentadas
De sangue toda bandada,
Quasi morta com pancadas (p. 12),

uma grande claridade cegou os algozes e a prisioneira apareceu com bons ares e lindamente vestida (p. 12).

Marciano é um crente nos deuses; pensa logo que Júpiter enviou Mercúrio à Terra, e tenta que Bárbara se vergue a esta evidência.

Perante a sua negativa, dá então a *sentença* (p. 13): que Bárbara seja degolada no monte; a tarefa será executada pelo próprio pai, que finalmente poderá mostrar ao *povo* (p. 14) a cabeça de sua filha.

Antes, porém, e uma vez mais como Catarina, a virgem fizera um pedido:

Que quem tiver devoção
Em mim, não lhe empeça fogo
Do inferno, nem trovão (p. 14).

O martírio de S. Vicente não passa por tantas fases como o das duas donzelas.

Tal como a elas, também o tirano tenta convencê-lo a desligar-se da fé dos cristãos, acenando-lhe com boa recompensa; tal como elas, ele prefere a morte, depois de em vão ter tentado fazer valer a sua verdade.

Daciano será peremptório:

Y, por más escarmentar
a qualquier otro christiano,
tal muerte te haré dar
que todo el pueblo romano
tiemble sólo em mentar
al grande Rey Daciano (p. 241).

Lida a sentença, Vicente é despido e, com as mãos atadas atrás e um baraço na garganta, cruelmente aspado, de pés para cima e cabeça para baixo.

Quando já está morto, os *fariseus* abandonam o seu corpo martirizado à voragem dos lobos e dos corvos; (p. 246) ¹⁷.

* * *

De tudo isto e de muito mais é capaz a perversidade dos homens.

Nas lutas entre eles, vencem sem pejo os que estão por cima; só que às vezes no novelo emaranhado dos sucessos se torna difícil encontrar a ponta.

Nem só no nosso universo há bons e maus; de repente, e sem serem esperados, eis que do Céu e do Inferno saltam contendores.

Já os intrometemos na acção; a eles voltaremos.

E há sempre a saída do milagre para minorar os custos do comportamento virtuoso e remediar com a ordem sobrenatural a desordem natural.

Estejamos atentos a tudo isto, depois de um curto parêntese sobre disputas e trocas azedas de pontos de vista.

* * *

Sendo que, em todos estes autos, o que mais interessa dum ponto de vista pedagógico é fazer mudar os corações, mostrando rigorosamente de que diabólicas proezas os incrédulos são capazes quando detentores do poder, porquê então apresentar alguns como um rol de martírios e outros não?

Porque historicamente assim aconteceu, sendo de facto diversificadas as vidas dos seus protagonistas; é uma boa razão. tão boa que é quase suficiente.

Porque os autores assim o quiseram, para evitar a repetição e estimular as atenções; também é provável; a escolha das figuras teria assim estado dependente desse propósito.

Não nos fica, no entanto, mal, à guisa de acrescento, um curto comentário à opção dos dramaturgos.

O martírio acontece, quando acontece a disputa, quando a disputa traz a cólera, quando a cólera cega os adversários e os adversários se dividem entre os que têm o mando e os que têm a razão.

Arrumemos uma vez mais em poucas palavras a situação inicial do cativo no *Auto de Santiago*.

Depois da plebeia contenda a propósito de Cristo, de Mafoma e da Virgem Maria, o prisioneiro tem ao seu alcance a alforria *xi tu querer moro tornar* (s. p.).

¹⁷ Observemos que nada se refere quanto à crença de terem as relíquias de S. Vicente vindo para Portugal. É que realmente há outras versões. A *Legenda Aurea* é omissa quanto a isso.

Rejeita a oferta e é ameaçado com *pingos de fogo, braga de ferro, morte de fome* (s. p.), corte de *orelhas* e boca cozida (s. p.).

Que saibamos, apenas alguns *ferros* (s. p.) lhe tolhem de facto os movimentos e ainda assim por pouco tempo, ou não viesse logo Santiago em seu socorro.

Diferentes são as circunstâncias em que têm de defender-se Catarina, Bárbara e Vicente.

O cativo discute com um mouro de idêntica condição social e tão pouco ilustrado como ele.

Mas Catarina tem pela frente, depois da própria mãe, o Imperador Maxêncio, o seu alcaide, e os *mais sábios Letrados, Doutores, Filólogos e Oradores* (p. 141).

E está só, *sem armas, nem nimigalha* (p. 145); nas mãos de Deus, é certo, mas sem o calor amigo de parentes ou companheiros.

Porque é forte, não se dobra: a argumentos opõe argumentos; às injúrias responde com dureza; e, se é preciso insultar, insulta.

Mesmo os doutores que remete para aquelas *crueis lagoas / do malvado Satanás* (p. 147); mesmo o Imperador Maxêncio a quem não poupa os epítetos de *raivoso cão danado, / servidor de Lucifer* (p. 159) ou de *perdido Lucifer / mais malino que a maldade* (p. 166).

Bárbara é talvez mais comedida, ou então são menos fortes os seus adversários: o próprio pai, o alcaide e o Adiantado Marciano.

Com a possível serenidade rebate afirmações, apresenta provas, desconsola-se com a cegueira dos inimigos.

Apenas, quando está em causa o confronto entre o seu Deus e os deuses dos outros, se experimenta o azedume da sua voz.

E, nestas ocasiões, sem respeito nem economia de injúrias:

Oh coitados! Como estaes
Cheios de tanta cegueira,
Que tendes fé verdadeira
Em os deuses de metaes
De cobre e de madeira (p. 8).

Ou então:

Assim que não há razão
Para que teus deuses ame,
Pois que são feitos à mão
De prata e de latão
E de metal e arame (p. 13).

Uma vez mais o parentesco evidente entre as reacções de Bárbara e as de Catarina.

A esta já o ermitão fizera saber que os deuses dos gentios eram de *madeiro* (p. 118), e ela própria os apresentaria a Maxêncio como *deuses de engano* (p. 136).

Aliás, vale a pena insistir nesta querela entre os verdadeiros e os falsos deuses, porque ela se encontra no cerne dos três autos que vimos acompanhando mais de perto.

Pelo que toca ao de S. Vicente, reparemos que, desde o início, o bispo refere a *gran cigueyra* dos gentios (p. 232), o jovem diácono recomenda a Daciano que não creia nos *ídolos danados* (p. 237), o anjo despreza quantos adoram *deuses de vento* (p. 242).

E não podemos esquecer que, veiculando embora as linhas doutrinárias já referenciadas, as disputas se concretizam entre cristãos e gentios, o que à partida condiciona posicionamentos que têm a ver com monoteísmo e politeísmo.

Já dissemos que Catarina e Bárbara fizeram frente a um Imperador dos romanos e a um seu Adiantado.

De Vicente, lembraremos que se opôs a um Perfeito de Diocleciano e de Maximiano.

Também ele, como as duas virgens, conheceu a solidão humana na luta contra um chefe militar e três dos seus mais conceituados colaboradores e também ele foi corajoso e directo na forma de os invectivar.

Cristianismo *versus* paganismo, tudo parece indicar; e, no entanto, não deve ser menosprezada, sobretudo nos autos de Santa Catarina e de S. Vicente, uma certa ressonância da polémica anti-judaica que frequentemente vinha à tona em textos daquela época.

Ajuizemos a partir duma rápida amostragem.

Os doutores romanos, que se propõem desmascarar Santa Catarina, preferem recorrer à lei dos judeus (p. 146), para nela basearem a incompatibilidade entre a existência de um só Deus e a aceitação da Santíssima Trindade.

Já estamos informados da sua derrota.

São *fariseus gentios* (p. 232) os antipáticos guardas que proibem o bispo e Vicente de pregarem nas terras de Daciano.

Ao chegar, este vem acompanhado por três *fariseus* (p. 236) que serão os grandes acusadores do mártir; os que o empurram para a morte e os que pretendem deixar sem sepultura o seu corpo.

Se reunirmos a estes passos muito claramente demarcados, certas invectivas avulsas contra os que vilipendiaram e maltrataram Cristo, pouco nos custará a admitir a colagem feita e a ter na devida conta o cruzamento de vertentes, na dimensão religiosa destes textos.

Autos de conversão, sim, mas não apenas para os que mais afastados andavam dos ensinamentos do Velho e do Novo Testamento ¹⁸.

ENTRAM OS ANJOS, SAEM OS DIABOS,
ACONTECEM OS MILAGRES

Anjos e diabos para os ampararem ou atraírem aos fogos infernais, sempre os homens os terão enquanto o mundo for mundo.

Gil Vicente soube explorar como nenhum outro o antagonismo dos velhos rivais, as manhas logo descobertas de Satanás, as precauções dos mensageiros de Céu, as quedas e os ressurgimentos das almas.

Muito próximos dele, Afonso Álvares e Baltasar Dias seguiram-lhe na peugada.

Lá para finais do século, Anchieta ainda recordará as gabarolices de um demo rendido aos valores que mais alto se levantam.

Francisco da Costa, mais culto, talvez, e certamente mais sisudo que os anteriores, limitou-lhes as funções.

Só no *[Auto] da Conversão de Santo Agostinho* se aproveitou da sabedoria angélica, e mesmo assim com muita discrição, confinando-a a um sonho de Santa Mónica:

Esperai, filho; uereis,
em que fundo o que uos digo.
Ha bem pouco, sabereis,
que hum Anjo do Rey dos Reys,
sobre uós, falou comigo.

Consoloume e prometeo
que Deus uos fará uiuer,
na minha ley e morrer.
Pois a promessa he do Ceo,
que não queirais, ha de ser (p. 368).

Nos vizinhos autos de Santa Catarina e de Santa Bárbara, os diabos rareiam mas os anjos permanecem vigilantes e activos.

Eles cantam enquanto Catarina faz a sua prece à imagem de Nossa Senhora, que lhe foi oferecida pelo ermitão, trazem-lhe o manjar que lhe há-de restaurar as forças, quebram as rodas de navalhas com que ela iria ser

¹⁸ Nos autos de Afonso Álvares, também é frequente a crítica aos cristãos que apenas o são da boca para fora, para além das alusões a judeus e mouros.

despedaçada, prometem-lhe o descanso a que tem direito, dão morte aos que a caluniam e finalmente encarregam-se de enterrar o seu corpo com vozes jubilosas.

De modo semelhante agem com Bárbara.

Durante o baptismo, recebe ela de um deles a exortação para a persistência no amor à Santíssima Trindade e à virgem Maria; outro (ou o mesmo) traz-lhe a *vestidura branca* (p. 11) que a livra da vergonha do desnudamento, cura-a das feridas e prepara-a, com um cântico, para a entrada na glória:

Bárbara, Esposa dos Céos,
Esforça-te, não estejas triste,
Que o Senhor dos altos Céos
Concede quanto pediste:
De ti ficará memória
No mundo perpetuada,
E no Céu terás a gloria
Para sempre por morada (p. 14).

Quanto ao seu corpo martirizado, dele se encarrega um ancião zeloso para que seja venerado pelo povo que a ela há-de recorrer ¹⁹.

Pelo contrário, e tal como era justo que acontecesse, o corpo de Dióscoro, seu pai, foi fácil presa dos demónios que dele se apoderaram, por certo com muitas mostras de contentamento.

Muito solícito foi também o anjo que quis perservar S. Vicente da ruína que nele os lobos poderiam fazer, quando as suas carnes comessem a apodrecer.

Apareceu a uns pastores amedrontados e recomendou-lhes:

Pastores, nam temays nada!
ouvi a revelaçam
de Deos a vós enviada
e ponde logo em concrusão
obra tem sancta e sagrada.
Sabereis que este passado
corpo, que vedes presente,
hé o mártire Vicente
que está no Ceo collocado
com Deos Padre omnipotente.

¹⁹ Uma vez mais se observa uma semelhança com Cristo cujo corpo foi pedido por Nicodemos e por José de Arimateia.

O qual, pregando a Fee
de Christo, Filho de Deos,
os Gentios Fariseus
o matarão sem porquê;
porém sua alma está nos Ceos
com Jesu de Nazaré.

E, porque seus ossos sam
relíquias pera louvar,
hi chamar o povo christão
que o leve a sepultar
com sancta lamentação (p. 241).

E, já que de enterramentos tratamos e de solitudes falamos, não deixemos sem uma palavra o que, mais uma vez, um anjo bem informado fez com Santo Aleixo.

Sabendo que ele tinha expirado sem que os seus o reconhecessem, dirigiu-se nada menos que o Papa com este aviso:

Servo de Deos mui amado,
não tenhas nenhum espanto,
seja por ti enterrado
este precioso Santo,
o qual corpo se achará
em casa do Senador,
não te tardes de ir lá
que assim o manda o Senhor (p. 219).

O Santo Padre reuniu quatro Cardeais e em conjunto com eles, depois de testemunhar a identidade do desconhecido, deu ao corpo sepultura condigna.

Não esqueçamos, porém, que, ainda em vida, Aleixo e Vicente foram visitados com certa frequência por estas criaturas do além (pelas do alto e pelas das funduras).

Sobretudo ao primeiro, por três vezes Satanás o tentou ²⁰; disfarçado de pobre, de caminhante ou de cortesão.

E sempre com a mesma conversa: que o reino não tinha paz, que a falsidade e a mentira medravam, que a mulher o traía com qualquer um; pois se ele até chegou a conseguir de Sabina (enganando-a também a ela) o anel

²⁰ Evidentemente, como a Jesus Cristo, no deserto. Santo Aleixo também nos pode fazer pensar em Job.

que o esposo lhe deixara, como prova de um entendimento adúltero em que fazia finca pé:

Se tudo o que pouco vale
se empenha por se vestir,
se eu sou sangue real
não cuides tu que fiz mal
despender por me luzir,
mais por esta senhora,
que me dá vida e ma toma
que é a mais superiora
que há na cidade de Roma.
Esta Sabina chamada
é filha do Emperador,
tem agora tão má fama,
que eu a tomar por dama
foi por seu alto primor.
E vendo-me tão lustroso,
este seu anel me deu,
que o tivesse por meu;
olha como é fermoso! (p. 210).

Foi então que um anjo perdeu a paciência; chamou muitos nomes feios ao *perverso inimigo* (p. 211), garantiu a Aleixo a fidelidade da mulher e a partir daí acompanhou-o nos momentos de maior dificuldade.

Com S. Vicente, as aparições não foram tantas; um enviado de Deus verberou os que o martirizaram e exaltou-lhe a coragem, acenando-lhe com o galardão da santidade.

O demo, a certa altura, ainda esfregou as mãos de contente, por tão mal ter influenciado os inimigos da fé cristã; auto-elogiou-se pela sagacidade, imaginou-se muito cumprimentado por Lucifer, mas acabou por cair num certo desalento:

Isto pratico comigo,
e muito ledó e contente,
porque fiz com minha gente
que matassem, como digo,
o servo de Deos, Vicente.

Porém, ainda que morreo,
a mi venceo,
pois que morreo tam ditoso
que a par de Si Deus lhe deo
hum banquinho que foy meu,
muy divino e glorioso (p. 245).

Com Santo António, uma pequena briga; tentativa de *afogamento* ²¹ por parte do demónio, quando ele adormeceu em oração e logo salvação pelo anjo que arreda o *inimigo, mau, perverso, maldito* (p. 64); enfraquecido, este deixa o protegido de Deus e parte para outra: vai aticar os ventos para que as naus se despedacem e muita gente pereça no mar.

Maior foi a escaramuça no *Auto de Santiago*.

Quando o cativo libertado pelo Santo Matamouros e um devoto romeiro se dirigiam para a ermida de Nossa Senhora de Guadalupe (s. p.), eis que lhes surge um ermitão atormentado (escondido nele estava o demónio, a nós nunca nos enganou) com um sem nunca acabar de histórias sobre as desgraças que tinham destruído a capela, soterrado a Senhora, dizimado as imediações.

O seu conselho era claro.

Em vez de continuarem o caminho para Guadalupe, cumpria-lhes desviarem-se para a *fragosa montanha* (s. p.) onde ele próprio servia como capelão.

Embora com tristeza, os viajantes estavam já na disposição de trocar os trajectos; só que um anjo os esclareceu; desmascarou o *perverso malvado* (p. 8) a quem mimoseou com muitos impropérios e avisos e lá reecaminhou os desencaminhados peregrinos que chegaram sãos e salvos à ermida onde os esperava o verdadeiro ermitão, já ciente, através dum sonho, dos acidentes do percurso.

Resta-nos o autozinho de José de Anchieta, onde, desde o início, os dois contendores se digladiam, chegando a disparar arcabuzes.

Um quer, o outro não quer que Santa Ursula (ou as suas relíquias) cheguem à vila do Espírito Santo.

Primeiro, o diabo julga-se dominador, diz ter por si toda a população e não acredita na valentia dos seus contrários.

O anjo naturalmente tem outro parecer e discutem:

ANJO:

Ó peçonhento dragão
e pai de tôda a mentira,
que procuras perdição,
com mui furiosa ira,
contra a humana geração!

Tu, nesta povoação,
não tens mando nem poder,
pois todos pretendem ser,
de todo seu coração,
inimigos de Lucifer.

²¹ No sentido de estrangulamento.

DIABO:

Ó que valentes soldados!
Agora me quero rir! ...
Mal me podem resistir
os que fracos, com pecados,
não fazem senão cair!

ANJO:

Se caem, logo se levantam,
e outros ficam em pé.
Os quais, com armas da fé,
te resistem e te espantam,
porque Deus com êle é (p. 33).

A vitória, já calculamos para quem será.
Basta nomear a *mulher* e o demo, antes tão ganancioso e convencido,
chega a fazer pena de desautorizado que fica:

DIABO:

Ó anjo, deixa-me já,
que tremo desta senhora!

ANJO:

Contanto que te vás fora
e nunca mais tornes cá.

DIABO:

Ora seja na má hora! (p. 35).

* * *

Se os santos fazem ou não milagres é o que todos queremos saber.
Há quem diga que sim e lhes peça mundos e fundos. Há quem ache que
eles podem ser prestáveis mas que não têm poderes para tanto.

Os autores dos nossos textos ou hesitam em decidir-se ou então põem-
se ao lado de quantos preferem admitir que eles são unicamente prestimosos
intermediários.

Assim, apenas de Santo António e de S. Francisco sabemos que têm fama de milagreiros ²².

Só que nem sempre são vozes muito autorizadas quem dela nos põe a par.

Cantam as virtudes personificadas quase ao ter fim o auto de Francisco da Costa que

Coxos andam, muertos biven,
enfernos tienem salud,
los ciegos ojos reciben,
por Francisco i su virtud (p. 419).

Proclama descontraído o Representador, a propósito de Santo António, que ele curara uma criança do duplo mal de *pestelença* e do *demónio* (p. 60).

Agora, quanto à ressurreição do menino conseguida como apoteose do auto, o que se passou foi de todo diferente.

Procurado por um casal de zaragateiros que dele esperava o regresso à vida de um filho afogado na lagoa, por descuido da mulher (p. 66), o pregador foi bem claro: poderia rezar um responso, nunca dar vida a um morto; poderia rezar a Deus, a Cristo, ao Espírito Santo, nunca agir por conta própria em caso tão delicado.

Não se esquivando ao que estava ao seu alcance, orou com recolhimento e fez-se acompanhar na oração.

O milagre deu-se, o menino ressuscitou, por sinal, não muito agradecido, porque trocava a corte celestial por um reino de maldade e de tristeza.

Também Santiago se furtou à responsabilidade de salvar aquele triste cativo dos ferros que o amarravam na prisão mourisca.

É certo que ele se encontrou de repente são e salvo em terra cristã e que bem viu e ouviu o seu salvador.

Antes, porém, muito antes, já ele fizera a sua oração à Virgem Maria e, uma vez liberto, cumpriu de bom grado a ordem de ir dar graças à Senhora de Guadalupe.

Ordem de Santiago, evidentemente, o que bem mostra que ele não queria honras que só em muito pequena parte lhe pertenciam.

²² Por via de regra, as *histórias* de Santo António incidem particularmente nos seus milagres (em vida ou depois de morto); por isso, não deixa de nos fazer pensar a sobriedade deste auto no que a eles respeita. Quanto a ressurreições, há duas que quase sempre aparecem: a da jovem que, descuidando-se a mãe, caiu numa concavidade cheia de lodo e água, e a de um menino que, por distração do pai, se afogou numa lagoa. Ver, por exemplo, a *Vida Milagrosa de Santo António de Lisboa*, publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1830.

Foi um enviado oportuno e eficiente.

Ele e António fizeram o que podiam e sabiam.

Mas alguém podia e sabia muito mais do que eles.

Viveu o menino, salvou-se o cativo: os santos intercederam.

Não é, porém, assim que as coisas se passam normalmente nestes autos, onde preferencialmente são eles mesmos o campo privilegiado dos favores divinos (com ou sem o consagrado labor dos anjos).

É nos seus santos que Deus tem posta a sua complacência; por eles alterará a ordem natural das coisas, quantas vezes for necessário.

Assim se perdem as chaves da prisão onde está Santa Catarina (p. 162), assim aparece ela inesperadamente liberta de todas as suas chagas (p. 165) e cheia de uma energia que nada fazia prever (p. 165), assim *brotará leite em lugar de sangue*, após a sua degolação (p. 174).

Para Santa Bárbara brota uma fonte onde poderá baptizar-se (p. 3), para ela desce do céu a veste branca, para ela também vem o refrigério das dores e o *contentamento* de se ver *sã* (p. 12), depois dos açoites e das vergastadas.

Em Aleixo se processa o milagre da carta que ninguém, a não ser sua esposa, lhe consegue arrancar; estando ele morto, só de Deus pode vir a força da sua mão fechada. Sabina reza, reza muito, e os dedos inertes deixam cair o papel cobijado pelos grandes da corte e da Igreja:

Rogo-te da parte de Deos
e de São João Baptista,
dos Santos todos do Ceo,
por São Marcos e São Matheus,
Lucas, João Evangelista,
e pela Virgem Maria,
também por Santa Luzia
e pela Virgem Santa Iria,
e também por S. Joseph,
peço-lhe pelo poder,
dos que já lhe tenho dito,
que me dê sem mais deter,
porque todos possam ver
o que nela vem escrito (pp. 225-226).

Do corpo de Vicente, meio esfacelado pela aspa e pelas grossas cordas com que foi amarrado, quem diria que ele seria poupado, ainda mais por lobos e corvos, sempre tão vorazes e agradados da matéria humana.

Ora foi exactamente o que sucedeu, como estamos informados.

O Senhor encaminhou para o local o par de pastores que devidamente avisados pelo anjo não deixaram de proceder como convinha.

Falta Agostinho, e não foi de somenos o milagre que nele se operou: de orgulhosos passou a humilde, de mundano a recolhido, de gentio a cristão.

Tudo porque aos rogos de sua mãe e às suas repetidas cogitações se veio acrescentar o aconselhamento de uma voz misteriosa que lhe ordenou a leitura das epístolas de S. Paulo.

Converteu-se, e com ele o seu amigo Alípio, também tocado pelos ensinamentos paulinos.

Que os milagres sempre tiveram muita força para converter os desconfiados, disso não tenhamos dúvida.

Não nos fiquemos por Alípio, porque mais vultuosos foram os prodígios semeados pelo comportamento de outros escolhidos.

Se a mansidão final de Marciano é suspeita porque, embora diga de Bárbara que ela *morreu em graça divina* (p. 14), insiste em adorar os deuses antigos, são significativas as reviravoltas que acompanham o sofrimento e a morte de Santa Catarina.

Ao Cristianismo se rendem os três doutores gentios convidados a interrogá-la, a Imperatriz e o seu pagem, e o próprio alcaide que a atormentara.

Os primeiros pagaram com a vida o baptismo que imploraram; do alcaide nada ficamos a saber, mas não é de crer que o Imperador nele voltasse a confiar, ao menos para idênticas tarefas.

SOBRE QUEM FALTA ESCREVER

Cada qual pode decidir se anjos e diabos estão ou não no rol das personagens alegóricas.

Agora quanto às virtudes, que são parte imprescindível no ritual majestático que preenche largas sequências dos autos de D. Francisco da Costa, não há por que hesitar na terminologia teórica literária.

Alegoria é também a cidade de Lisboa, no *Auto de S. Vicente*.

Como fala pouco, e só no troço inicial, podemos até retirá-la já do discurso ²³, com algumas palavras de apresentação.

Quem conhece a *Nau de Amores* de Gil vicente (1527) onde a mesma personagem aparece eufórica e desmedidamente cortejada, na reentrada régia na capital, estranha a sua modéstia no trajar e os seus ditos desconsolados.

Os tempos mudaram, e para pior, para a *muy populosa, / gram cidade de Lisboa* (p. 220).

²³ É uma personagem daquilo a que podemos chamar a moldura da representação, pelo que este auto emparceira bem com o *Auto D'el-rei Seleuco* (Camões), o *Auto da Natural Invenção* (Chiado) e o *Auto dos Sátiros* (anónimo) para o estudo do ambiente em que tinham lugar os espectáculos teatrais.

Honra de Poutugal (p. 221), se diz ela ainda, evocando com saudade o *pomar jocundo, as armadas, os leais cavaleiros / e capitães muy guerreiros, as mil terras tomadas, as vitórias sobre os castelhanos* (p. 221).

Porém, a prosperidade foi de curta duração; os triunfos e a fartura, afinal tão próximos no tempo, são já uma recordação.

Lisboa pensa nos seus pecados, nos erros cometidos, nas omissões sem perdão.

Seja pelo que for, foi vítima da peste e dos tremores de terra²⁴, do desaproveitamento dos campos que davam o pão e do abandono dos abastados.

Sobretudo, foram substituídos por gente alheia, vinda de onde Deus quis, os seus naturais habitantes, que abalaram nas caravelas

... por descobrir e achar
terras do polo segundo,
conquistaram po-lo mar
tanto até sogigar
em finisterra do mundo (p. 223).

Restam-lhe, no entanto, algumas consolações, entre as quais não são de desprezar a amizade da Virgem Maria e o atendimento constante de S. Vicente, seu *patrão valedor* (p. 224).

Por isso, em sua honra, estará como primeira dama entre os que se acomodam para assistir a uma representação.

Deixemos as suas queixas enlutadas e, enquanto ela e alguns dos seus filhos se comovem e aplaudem o elenco que recriará a história do martírio de S. Vicente, segundo Afonso Álvares, prestemos atenção às virtudes que D. Francisco da Costa faz contracenar com figuras palpáveis deste mundo dos nossos sentidos²⁵.

Afinal até já nomeámos algumas; são a Verdade, a Fé, a Esperança e a Caridade no *Auto de Santo Agostinho*, a Pobreza, a Obediência e a Castidade, no *Passo de S. Francisco*.

A Verdade entra a cantar três quadras de feição popular que, na ligeireza do seu metro solto, asseguram a paz aos que a ela se chegarem:

Se por mim penas passais,
vinde a mim glória tereis;
e os que por mim trabalhais,
comigo descansareis (p. 362).

²⁴ Por isso, se data normalmente o auto do início dos anos trinta. No artigo atrás citado, e pensando em calamidades posteriores, o P. Mário Martins inclina-se para uma data mais avançada.

²⁵ As alegorias das virtudes foram comuns em Gil Vicente (por exemplo, no *Auto da Mofina Mendes*), aparecem em António Prestes (*Auto da Avé Maria*) e povoam parte do teatro espanhol da época.

De seguida, solenemente instalada numa *cadeira rica* (p. 362), permuta de tom e de ritmo; com a gravidade de quem a si mesma se olha como régia senhora, dispõe-se a apadrinhar a conversão de Agostinho.

Concluído o lento processo que o conduz ao seio da Igreja, de novo lhe saem da boca palavras prazenteiras, a que uma vez mais se segue uma afirmação de poder e triunfo, em *voz alta* e entoação eloquente:

Venci e entrei, agora, hum forte muro,
uitoria que selebro mui notauel
dum obstinado peito, forte e duro,
d'engenho e sotileza ynarrauel (p. 382).

A sua missão foi cumprida.

O facto passará necessariamente para as virtudes teologais.

O auto está, porém, a chegar ao fim, e a um fim que é de contentamento geral.

Por isso, as suas réplicas são curtas e discretas, mais de amizade que de orientação; são promessas e anseios, como estes da Caridade:

Prometote amor diuino,
porque o humano desprezaaste,

que abrazado, de contino,
seja, esse teu peito, dino
do amor, em que o abrazaste.

Quero que sejas chamado
Agustinho, o amador,
do Amador tão amado,
e que obres, nele fundado,
açadas obras de amor (p. 384).

E todos cantam o *Te Deum Laudamus*, primeiro, e uma cançoneta popular (*en la penã firme*) a rematar, a quatro vozes e com acompanhamento de violas.

No *Passo de S. Francisco*, a Pobreza, a Obediência e a Castidade guardam-se para o quadro final.

Como o desnudamento simbólico já teve o seu feliz epílogo, vêm juntas a cantar, cortando com um bom humor contagiante a austeridade do latim eclesiástico do bispo.

É o momento da cantiga de mote e volta que já referimos.

Mas, como o que é grave com gravidade tem de ser tratado, a sua linguagem transforma-se, por instantes.

As suas falas, alternadas com as de Francisco, ficam arrastadas, longas, sentenciosas e abençoadoras.

Têm peso doutrinal e sabedoria das dádivas do Espírito; incentivam e acarinham Francisco; ensinam-no e enchem-no de bons augúrios.

Depois, retornam ao que de início foram: um transbordar saudável de júbilo que se exprime na dança marcada por uma toada conhecida do público (*En la peña, duerme la minã y suenã*):

Francisco, nosso professo
pobre, casto e obediente,
exemplo serás da gente (p. 418).

* * *

A título de *excursus*, e porque aos folguedos das virtudes acabámos de fazer alusão e já atrás algo deixámos escapar sobre hinos religiosos, compulsemos rapidamente as «cenas» musicadas destes autos.

Baltasar Dias fica-se dum modo geral pelas composições eclesiais.

Antes do aparecimento de Cristo e da Virgem Maria e a finalizar a representação, os anjos cantam em honra de Santa Catarina, da última vez, aliás, à semelhança do que o próprio Cristo acabara de fazer.

Lá mais para os começos, o ermitão entoara o *Te Deum Laudamus* e durante o martírio da Imperatriz soam os acordes do *Laudate Dominum omnes gentes*.

As andanças de Santo Aleixo só são distinguidas com cânticos após a primeira aparição do anjo, mas estes multiplicar-se-ão a partir desse momento; enquanto decorre a visita aos santos lugares, e a encorajá-lo nos sujos degraus onde pouco a pouco vai definhando, pensamos que vêm ainda dos serafins os sons cadenciados e harmoniosos.

O Papa e os quatro Cardeais seleccionam compreensivelmente o *Te Deum Laudamus* e, no fecho, todos em coro unem-se nos acordes do *In exito Israel de Egipto*.

Afonso Álvares restringe-se também à pauta religiosa nos autos de Santa Bárbara e de S. Vicente.

Não sabemos qual é o *motete* que a virgem cantarola durante o baptismo, mas é de crer que seja de tão honesta letra como o *In passioni posita* que serve de fundo ao seu martírio, iniciado com o som do *Domine Jesu Christi*.

Com ela cantam os anjos, enquanto lhe vão remediando as chagas, e a cantar a levam (por certo, eles) a enterrar, depois de o ancião ter impetrado o favor do seu corpo.

Quanto a S. Vicente, só a didascália final nos dá conta de que, ao ser ele conduzido para digna sepultura, *todos vão cantando hum cântico de solenidade, dando louvores a Deos* (p. 251).

De modo semelhante, no *Auto de Santiago*, temos um *fim com música* (s. p.); mesmo assim, algumas dúvidas nos ficam, porquanto os romances anunciados são da inteira lavra de Gil Vicente, aquando da morte de D. Manuel e do levantamento de D. João III.

Com respeito à peçazinha sobre Santo António, é um *Benedictus Dominus Deus Israel* que ela nos oferece no remate apoteótico.

No entanto, já nos tínhamos cruzado com música mais folgazã: a abrir o texto, um Representador cantara e bailara uma *chacota*:

Tirai, mana, esse cordão,
que me matais! ai, que me cortais
por metade o coração! (p. 59).

D. Francisco da Costa gosta mais das vozes melodiosas das virtudes. Já insinuámos essa preferência.

Em todo o caso, no *Auto de Santo Agostinho* também há *música* após o diálogo dos amigos desacertados (p. 365) e antes da entrada dos vilões (p. 371) que, aliás, como nos é dito, se porão a *beber, cantar, bailar* (p. 372).

No que concerne a interlúdios musicados em *Anchieta*, perguntamo-nos se será cadenciada a primeira estrofe da segunda parte, mas guardamos a certeza de que é a cantar que Santa Úrsula é conduzida ao altar pela vila e pelos seus padroeiros:

Entra ad altare Dei,
Virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna espôsa
de Jesus, que é sumo rei (p. 42).

* * *

Lançado (ainda que implicitamente) o convite para a investigação de letras, de sonoridades, andamentos e razões de ser do bilinguismo destas cantigas, tornemos aos buliçosos animadores destes edificantes autos.

Depois dos santos, da sagrada família (só a Virgem e seu Filho, no *Auto de Santa Catarina*, pelo menos em cena, porque sonhos e visões também os houve no *Auto de Santiago* e no de *Santo António* e sobre a voz que escuta Santo Agostinho não podemos ajuizar), dos anjos, dos diabos e das virtudes, não nos fica mal, antes da imprescindível e sempre desejada conclusão, enxertar, neste cortejo de gente tão especial, os graciosos plebeus que tão a propósito, e para nosso agrado, nos desencaminham para o reverso da postura reverente que a hagiografia orgulhosamente imporia, se os demónios a não viessem também frequentemente quebrar.

Desinteressou-se deles Baltasar Dias; os seus pagens pouco mais fazem que levar e trazer recados (embora o da Imperatriz também se tenha tornado

cristão), o pobre é tão paciente e sincero que tem jus à nossa simpatia mas não nos permite um sorriso.

Não assim nos autos de Afonso Álvares.

Os vilões e os camponeses estão do lado do cómico, apegados às mesquinhas (ou prementes?) necessidades do dia-a-dia, prontos para a algazarra e para a folia, para saborear a comida e tragar o vinho.

Os pastores do *Auto de Santa Bárbara* andam à solta pelos campos da Andaluzia e, apesar de bons cristãos, e pouco afeitos à tirania de Dióscoro, preferem fugir a oferecer à jovem a guarida que a poderia salvar.

São jactanciosos, à boa maneira dos salmantinos e dos vicentinos, e, no seu rústico castelhano, rivalizam no desenrolar de artes e manhas.

Um foi *bon latino, sabe hablar grammatica, comer una borrega, con tassajos, y tocino e beber bota de vino* (p. 6).

Outro entende da boa cama e dos dias festivos que a tornam apetitosa.

Afinal, os dois estão carregados de petiscos e os dois se inclinam mais para o sono que para o trabalho.

Nos autos de S. Vicente e de Santo António é dupla a função dos atarefados populares.

Enquanto ainda se espera a representação, no dia de S. Vicente (?), um casal de vilões, que vem à cidade vender *frangãos e requeijam* (p. 227), é roubado por um castelhano.

O resultado é um rol de queixas, de críticas, de ameaças impotentes, das diferenças entre filhos e enteados, das travessuras à deriva, dos contos do burlador burado.

Fica, no entanto, um aviso que dá que pensar:

Mas crede qu'am de buscar
tantos modos d'apanhar
que, do grande até o menor,
todos querem esfolar
a pele do lavrador (p. 228).

No quadro propriamente hagiográfico, a serrana e o pastor, entre brincalhões e apoquentados, até ao corpo do mártir requerem ajuda para os males do seu rebanho:

Pois que vós com Deos estais,
encima no Ceo sagrado,
quero ver se a Deos rogays
que me nam morra o meu gado...
Oula! Inda vós impais! (p. 250).

Em cena, no começo do outro auto, um Representador que vem de *Camarate* (p. 59), desafia os bravos de Alfama para o vencerem em jogos e

paródias; toca, canta e dança; e não tem papas na língua para censurar quem o merece, em dia de Santo António.

Mais lá para diante, quando a fama do franciscano já está no seu auge, a briga entre marido e mulher atrasa o milagre da ressurreição do menino afogado.

António repreende e elucida.

Agora, se o casal se inteirou ou não dos respectivos deveres matrimoniais, é coisa sobre a qual nos não podemos pronunciar.

De novo a falar castelhano, o pastor do *Auto de Santiago*, mostra-se desconfiado e propenso a ilações apressadas. Confunde os peregrinos com ladrões de gado, acusa-os e injuria-os; afinal, a serrana esclarece-o e ele perde o jeito de brigão; até promete um *borrego* e um *requeson* (s. p.) à Virgem de Guadalupe.

Nos textos de D. Francisco da Costa, os vilões e camponeses percebem pouco de santidade.

Ora, como vimos, animam os grandes de Milão com o prazer da dança e da boa mesa (*Auto de Santo Agostinho*), ora com a sua ignorância sublinham o pasmo de todos nós perante os excessos inumanos de S. Francisco.

CONCLUSÃO

Merece a pena ler, reler e estudar o teatro hagiográfico pós-vicentino ²⁶.

Para auscultar a espiritualidade da época, para comprovar o interesse pelas histórias que comovem, ensinam e atemorizam; para disfrutar do compaheirismo entre o sério e o cómico, entre as modelações da linguagem, entre os versos à moda do povo e os versos à moda dos cultivados.

Para apreciar a génese, as transformações e os pontos de chegada de um relato ou de uma lenda.

Para fazer a ponte com a iconografia.

Para partir em busca de novos «clássicos».

Para os editar e tornar conhecidos.

Para os representar.

²⁶ Como é sabido, Gil Vicente não cultivou o teatro hagiográfico. Dele apenas nos ficou um incompleto *Auto de S. Martinho*, representado nas Caldas da Rainha, em 1504.